



PRETO NO BRANCO: PISTAS DE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DO CORPO NEGRO E DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

Deisiane Fernandes das Neves
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: deyse.cte@outlook.com

Janaina de Jesus Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: jjsantos@uneb.br

2559

INTRODUÇÃO

No Brasil, o fim do processo de escravidão, decretado pela Princesa Isabel não foi suficiente para o fim do preconceito e racismo. Ainda que esta prática tenha se tornado ilegal sob penas judiciais, até os dias atuais, há ocorrências, desde as mais discretas e veladas às mais críticas como em abordagens policiais a jovens negros, como retratado no curta metragem brasileiro *Preto no branco*, dirigido por Valter Reger, de 2017.

Diante desse horizonte, é importante refletir sobre o processo de construção da subjetividade do corpo negro na atualidade, a partir de pistas deixadas no filme. O cinema dá visibilidade para discursos que afirmam o lugar de cada sujeito em nossa sociedade, ele potencializa e faz circular os sentidos por meio de imagem e som. Então, levanta-se o questionamento: como o cinema atua no processo de subjetivação do corpo e da identidade afro-brasileiros? Neste sentido, busca-se, como objetivo principal, analisar o processo de subjetivação do corpo e da identidade afro-brasileiros mediante as questões étnico-raciais de *Preto no branco*. E mais, especificamente, objetiva-se compreender as noções de identidade e corpo no que se refere aos negros, bem como, apontar como mapear práticas de resistência ao preconceito que ainda perpetua na sociedade brasileira.

METODOLOGIA

Para este estudo, foi adotado o tipo de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa possui um caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. Ademais, sua operacionalização pode se dar de forma sistematizada com rigor metodológico (BRUM et.al, 2015).

Realização:



Apoio:





Utiliza-se também, da metodologia dialética, a qual propõe que na natureza tudo se relaciona. O referido método, conforme Gil (2008), fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante do objeto de estudo, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente. Deste modo, esta metodologia possibilita a contextualização do curta *Preto no branco* com os fatores sociais e sua representação com o povo negro, que ainda vivencia o racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enredo do curta metragem *Preto no branco* gira ao redor de uma cena de furto, na qual um rapaz negro rouba a bolsa de uma moça branca. Logo no início, a moça aparece saindo de uma loja, o rapaz negro passa correndo e esbarra na moça. Então, ela grita por socorro, alegando ter sido roubada. Imediatamente, os policiais chegam ao local e, de maneira bem violenta, aborda o rapaz que entra em choque. Daí, ele é levado à delegacia. Lá, durante o processo de interrogatório, há diálogos que apontam discriminação e a respectiva resistência, conforme, esquematizado no quadro abaixo:

Quadro 1: Diálogos de racismo e de resistência

Dissemina a discriminação	Resiste a discriminação
<ol style="list-style-type: none">1. Talvez esse marginal seja parte de uma gangue e eles estejam atrás de mim?2. Olha só o perfil do malaco, doutora: carrão de ladrão, correntão de ouro de ladrão. Conheço esse tipo de gente aí de longe, viu.3. Tava todo mundo lá. Está na cara que você roubou a bolsa com seus comparsas. Vocês nunca atacam sozinhos.4. Só podia ser preto!	<ol style="list-style-type: none">1. [...] a mesma polícia que chegou me batendo.2. Ele era traficante sim, mas não precisava morrer do jeito que morreu. Preto, pobre, correu é ladrão, não é isso?3. Sociedade do consumo, doutora. Pobre também tem desejo de ter coisa bacana, sabia?4. Doutora, antes eu queria fazer um B.O. contra aquela moça e esses dois caras aí. Conheço gente desse tipo. Neguinho. Foi assim que você me chamou? Neguinho? Neguinho!

Fonte: Quadro elaborado a partir de diálogos do filme *Preto no branco*.

Como se pode observar, mediante as falas que propagam a discriminação, as pessoas negras convivem com os estigmas construídos socialmente no contexto de preconceito racial, marcado por substantivos como “marginal”, “malaco”, “ladrão”, “comparsas” e o verbo “atacam”. Assim, a fala “só podia ser preto”, dita pela acusadora, parece resumir todas as outras ditas anteriormente, uma vez que o corpo negro é deslocado



de sua humanidade para estados de inferiorização até chegar em animal que "ataca". Infelizmente, essa é uma imagem forte ainda arraigada no senso comum e reverberada em noticiário policial, de modo que preconceito e racismo se juntam para construir relações de inferiorização das pessoas negras, como o curta destaca.

Por outro lado, em consonância com a concepção foucaultiana de poder, a resistência é possível e é marcada na fala do personagem principal, de forma clara e lúcida, ao ser interrogado pela delegada. Em tom de denúncia e de reivindicação, ele afirma a violência policial, a influência da sociedade do consumo e, por fim, ele assume práticas libertadoras de sujeito e reescreve o final da narrativa. Por não permitir que seja apenas objeto de discursos de discriminação, mas também sujeito de discursos, ele registra o boletim de ocorrência contra a violência do racismo da acusadora e dos policiais.

Nesse sentido, ao tratar da questão do corpo negro, percebe-se que, pelo preconceito, o corpo negro está preso a marcas de estereótipos, de tal modo que suas características imprimem a discriminação e, no contexto social, geram denúncias que fazem com que a pessoa negra seja violentada em seu próprio direito de existir. Assim sendo, o estilo do cabelo, as vestes baseadas na cultura de gueto, o modo de andar e até mesmo as variedades linguísticas ao invés de serem vistas como signos culturais, são pontos chave para o preconceito, conforme destaca Gomes (2003, p. 80):

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. São estratégias para retirar do negro o *status* de humanidade. Talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade.

Deste modo, os traços identitários atribuídos às pessoas negras, são fundamentados nos preceitos característicos de seu corpo, corpo este que se construiu com base em marcadores de violência simbólica, sobre as especificidades do povo negro.

Diante disso, Fernandes e Souza (2015, p. 105) afirmam que o corpo não pode ser ponte para a marca de uma identidade, pois, além dele se configurar e se reconfigurar ao longo do tempo ou lugar, em se tratar da pessoa negra, o corpo foi constituído considerando teorias equivocadas até mesmo sobre caracteres biológicos, os quais apontavam negatividade,



[...] a identidade não pode ser considerada como decorrente das “evidências” corporais [...]. o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar [...] Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro [...]. Ou seja, o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros.

Nestes aspectos, percebe-se que a construção da pessoa negra está arraigada a marcadores externos à sua identidade, ao seu povo. São aspectos que evidenciam que os sujeitos têm um jeito único de ser e, por isso, voltando-se para o curta metragem, pode-se concluir que é a idealização de uma identidade única do sujeito que o faz ser reconhecido socialmente. Ou seja, o negro, taxado como preguiçoso, que não gosta de trabalhar, logo será bandido. Sem levar em consideração os aspectos sociais, políticos e econômicos que produzem as diversas situações de marginalização na sociedade brasileira.

Para mais, entende-se, conforme Foucault (1985), que o sujeito se constitui em práticas sociais, nas experiências e nas relações de poder. Sendo assim, a identidade e o corpo negros se configuram a partir de suas vivências, com o mundo e sua cultura. Portanto, os traços e os estigmas são construídos com base nesta interação, o que contraria a ideia de "o jeito negro já é de bandido" etc.

Neste interim, pode-se valer da conclusão do curta *Preto no Branco*. Por fim, quando a delegada observa as imagens da câmera e percebe que, na verdade, houve uma situação montada para intimar o acusado, ele é absolvido e no decorrer disso, o rapaz apresenta algumas falas em defesa ao ser negro. Denuncia as mortes de pessoas negras a sangue frio, ataques policiais e os estereótipos que o fizeram ser preso.

Uma observação deste momento, é que um dos policiais era negro e, inclusive, chamou o rapaz de “neguinho”. Daí, duas questões: primeiro, até mesmo a pessoa negra, engessada nessa construção racista por vezes não se percebe enquanto vítima; segundo, quando o absolvido, o questiona e o chama de “Neguinho”, de forma que afirma ser negro, como se dissesse “sim, somos negros. E isso não é um problema”.

Há muito ainda para ser feito no sentido de mudança quanto às práticas racistas. É preciso que se construa consciência cultural e de identidade por práticas de subjetividade mais libertadoras. É necessário que o negro esteja em seu lugar, que é onde ele queira estar, do seu jeito, com a roupa e o cabelo que quiser. É preciso que haja



políticas públicas que garantam mais oportunidades econômicas, também, para que a pobreza não seja sinônimo de crime.

CONCLUSÃO

Percebe-se que o racismo, a idealização da identidade e construção do sujeito imprimem violência e aprisionamento dos sujeitos, acarretando sofrimentos físicos e psicológicos. O curta evidencia esses aspectos, enquanto superfície de visibilidade de discursos em circulação na sociedade, ao mesmo tempo em que didaticamente aponta práticas de resistência permeadas pelo saber - saber se conhecer e conhecer seus direitos como maneira de cuidado de si.

Conclui-se que as noções de identidade e corpo permitiram analisar o processo de subjetivação do corpo e da identidade afro-brasileiros em *Preto no branco*, apontando para práticas de resistência que permitem ressignificar a constituição dos sujeitos em movimentos de libertação.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo negro. Identidade afro-brasileira. Preto no branco. Subjetivação.

REFERÊNCIAS

BRUM, C. N. et al. Revisão narrativa de literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. vol.69, n.5, Brasília set./out. 2016. Acesso em: 20 abr. 2022.

FERNANDES, V.; SOUZA, M. C. Identidade negra entre exclusão e liberdade. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 maio 2022.

FOUCAULT, M. (1985). **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução: M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.